

**A ESCUTA DO PRESENTE, UMA RUPTURA DO REAL E A DANÇA
DESAJEITADA DAS PALAVRAS**

Jorge Aurélio Ferreira Garcia

Orientador: Prof. Dr. Luiz de Camargo Pires Neto

Os cadáveres estão aparecendo, pouco a pouco, na destilação do ódio e da pouca importância dada pela burguesia aos que pouco tem. Os cadáveres, por mais que representem denotativamente os que não têm mais vida, podem trazer a percepção daqueles que muita vida esbanjam. São eles que fedem e destilam todas suas riquezas e futilidades no real e no virtual – o real do agora. O teatro está fechado. Balões, flores, plantas e vazios ocupam a poeira deixada por alguém que esteve ali em outro momento. Fazem presença por quem agora não pode mais estar. Essa poeira, serve para marcar a memória, deixar descansar e fazer a essência chegar. O teatro serve como vida, mata aos poucos quem por ele é ferido e evoca vida para quem precisa de tratamento.

Este reflexo, em modo de ensaio, é o caos no pensamento de um jovem artista, jornalista que, agora, se vê longe das tábuas de madeira do palco. A única luz que o ilumina é a tela, o flash e, quando muito bem equipado, *uma ring light comprada pela Mercado Livre*. Essa luz, azul, que dói os olhos quase mais que o coração, é que tem mantida as incertezas iluminadas, vivas e pulsantes. Mais uma vez, o artista se pergunta: *como?* Como fazer com que tudo isso não morra e alguns resquícios permaneçam vivos? Será que o teatro irá morrer? Será que foi essa uma peste implantada para que se dê fim a uma era e se crie outra? Assim como foi quando movimentos históricos se transformaram e mudaram o contexto político, social e de vida? A resposta é incerta, assim como qualquer coisa dita por agora. O corpo, de quem vive agora, de quem é menos cadáver, dança na esperança de encontrar a coreografia adequada para viver esse momento. Para enviar para fora esse calor que pulsa dentro da pele, envolto pelos músculos e estruturados pelos ossos. Na fugaz busca de esfriar ao mesmo momento que esquenta o sangue vermelho que, por hora, ainda está contido aqui.

O que mais se pode fazer além de dançar? Olho agora para os dedos, assim como quem lê pode olhar para os olhos, e percebo a dança que se manifesta ao tocar cada uma das teclas que tem como premissa escrever esse texto. E o que é isso senão “o jogo e a dança das palavras”? Dedos que se movem, coreografam, e fazem um desafio incessante de adivinhar o que a mente quer traduzir em palavras. Isso, o que é também senão um respiro e um suspiro de vida, uma necessidade de encontrar respostas para questões infundáveis - que já não aguentamos mais - desse momento.

Colocar as palavras para jogo é o que faz Thebas, o Palhaço do livro *O palhaço e o psicanalista*, uma obra construída para questionar, refletir e encaminhar as práticas de escuta. A palhaçada, proposta por Thebas, é que joguemos com as palavras, para entendermos a conexão que suas histórias, significantes e significados trazem ao jogar da vida, para que seja uma proposta mais descolada desse real que criamos para nós. Ou melhor, do real que o mundo criou para nós.

Quando criança, o Palhaço (ou também os não-palhaços) transformam o que tem em volta para criar o próprio mundo. “Meu quarto poucas vezes foi o *meu quarto*. Ele era um planeta desconhecido, o deserto do Saara” (p. 185), ou ainda “minha espada era o que eu tivesse à mão: uma régua, uma caneta, um pedaço de papel enrolado” (p. 185). Interpretando de antemão a ideia: é uma tentativa que nós, quando crianças, fazemos para tentar criar uma conexão com o mundo que queremos ter. Criança, segundo o jogo das palavras proposto por Thebas, vem de criar, de criatividade. Por isso, essa ideia traduz a nova visão de um mundo que gostaríamos ter. E criança lembra ludicidade, que é oriunda do latim *ludere*, originada de *ludens*, um dos três eixos humanos de Johan Huizinga, em *Homo Ludens*. *Ludens* está ligado à nossa “capacidade de brincar, os sentimentos estéticos e as emoções” (p. 185). A mesma palavra também percorre um caminho para a ilusão, que é dada, nesse jogo, como parte daquilo que não estamos mais conseguindo ver.

Mas, o que isso tudo tem a ver com tudo isso que tem acontecido?

Thebas e Dunker (o psicanalista) propõem a escuta como encontro e desencontro com as questões que estão preestabelecidas hoje. Como um *enxergar as faces ocultas do outro*, um *desprendimento de poder* e um caminho para uma *escuta transformadora, de si, do outro e do mundo*. E dentro disso, pensa-se, portanto, a escuta lúdica, que tem como ponto de partida a ilusão.

Utilizar dessa proposta, de criar ilusões e ser lúdico é fazer um caminho inverso ao que o mundo nos dá, é ver mais do podemos ver, criar, imaginar e ir além.

Assim como também no exemplo dado por Thebas, de quando seu pai começou a formular repetições sempre que um relógio de parede na casa de seus pais tocava, de hora em hora: “Ó!...esse relógio quem me deu foi minha mãe” (p. 187). O Palhaço, visto sem propostas agora para resolver esse jogo, percebeu que “atrás daquela realidade tinha uma outra, e atrás do problema tinha um convite de reconexão com o meu pai.” e que o caminho foi “ter deslocado aquela situação do campo do problema para o campo do jogo [...] me fez escutar que havia outra realidade” (p. 188). Thebas, portanto, perguntou diversas ao pai vezes outras indagações sobre o relógio: sempre que a repetição acontecia e escutava o pai como se fosse a primeira vez.

E mais uma vez... O que isso tudo tem a ver com tudo isso que tem acontecido?

É inegável a necessidade humana de fazer conexões nossas, próprias, com o que tem passado e qualquer coisa que vivamos. A pergunta que perpassa a mente agora é: “o que está acontecendo?” Pesquisas, pesquisas, pesquisas, pesquisas, todas elas nos levam a notícias do que seriam a verdade, a descrição dos fatos. Esse é realmente um caminho, ainda que discutível e falacioso. Se pegarmos a comunicação, por exemplo, teremos vertentes que desfrutam da objetividade, da busca incessante por ela. Logo, o que é dito na notícia é o que “realmente” acontece. Assim, se faz verdade e lógica a premissa de '*selecionar alguns veículos de comunicação, poucos e escolhidos a dedo, para saber a verdade e cuidar da saúde mental*'. Por outro lado, outros posicionamentos falam sobre uma comunicação que traga apenas uma subjetividade aplicada do emissor da mensagem. Assim, quem confunde e completa o sentido da ideia é o próprio receptor. A arte, por outro lado, provoca, traz questionamentos, emite a razão de questionar e perguntar: *como isso está acontecendo? Ou mais: como eu posso expressar o que estou sentindo a partir disso que está acontecendo? Como posso criar?*

Genro Filho, em *O segredo da pirâmide*, livro que discute uma posição do jornalismo em relação ao capitalismo e ordens burguesas (mas não só), refuta a ideia Rossi, citado por ele, e analisa questões relacionadas à objetividade, a partir da ótica do senso comum. Esta aceita um capitalismo possível e propõe uma objetividade também possível. E coloca a subjetividade como

um resquício de emoções de quem escreve. O que se traz é que não se trata apenas disso, mas sim, de uma “dimensão ontológica dos fatos sociais” (p. 44). Isto é, em uma ampla discussão, reduzida aqui para entendimento e possível relação com o tema, quem escreve, fala ou edita está carregado de fatos sociais, que fazem parte da construção intrínseca do ser. “O julgamento ético, a postura ideológica, a interpretação e a opinião não formam um discurso que se agrega aos fenômenos somente depois da percepção, mas são sua pré-condição, o pressuposto mesmo da sua existência como fato social” (p. 44).

Lage, também citado por Genro Filho, afirma que a objetividade, imparcialidade e um jornalismo verdadeiro iria excluir quaisquer outras formas de conhecimentos, como se essa fosse a única detentora da real verdade. E, como ele mesmo propõe: “um objeto mitológico da sabedoria absoluta” (p. 139). *O que é isto se não uma crítica a essa fundamentação burguesa do jornalismo?* Lage, assim como Genro Filho, denunciam práticas de uma comercialização das palavras, dada através da busca incessante por objetividade, que prevalecem o relato, a mera descrição, como se fosse possível ou como se devêssemos buscá-la o tempo inteiro. Também, isso se dá nas discussões de Merleau-Ponty, citado por Luiz de Camargo Pires Neto em uma das aulas de História da Filosofia Contemporânea, quando diz que para descrever o mundo – e que esse seria o desafio e papel da fenomenologia - “nós somos obrigados a estabelecer uma espécie de recuo artificial”. A premissa é que estamos muito colados ao mundo e que precisamos, portanto, buscar esse afastamento para *enxergar* melhor. A questão é sobre como gerar esse recuo artificial. Ou, ainda, como cita Pires Neto: "Se eu pego essa lanterna e colo essa lanterna ao mundo, ela não ilumina. A lanterna vai iluminar à medida que é afastada do mundo e cria o campo de visão. Se distanciar do mundo para melhor iluminar e conseqüentemente voltar a ele. Neste sentido, a lanterna-consciência não está totalmente a parte do mundo. Ela é *em relação*."

E agora, questiono, *o que seria esse afastamento?* Será, de forma prática, chegar em casa depois de uma escuta e, portanto, afastar-se do mundo e olhar para si? De forma alguma penso que faria sentido ficar distante do outro, pelo contrário, me parece sensato aproximar-se dele e assim, tomar espaço das outras interferências do mundo. Como se, ao chegar próximo ao mundo do outro,

deixasse o meu, a minha percepção longe, para enxergar o mundo (do outro) de uma forma mais “verdadeira”, colocada propositalmente entre aspas.

Mas, novamente, o que isso tudo tem a ver com tudo isso?

O mundo que estamos olhando, escutando e investigando não é mais o mesmo. Apesar de estar em constante mudança, independente de uma peste, como diz Heráclito de Éfeso – “Nenhum homem pode banhar-se duas vezes no mesmo rio, pois na segunda vez o rio já não é o mesmo, nem tampouco o homem!” – é também inegável que esse rio mudou completamente. Não é mais uma simples água que passa por ele mais tarde do que a primeira, mas sim um turvo líquido contaminado com informações, desesperos, inconsistências e sangue. É como se agora, ao refletir sobre o que acontece, aconteceu e acontecerá, estivéssemos buscando nas nossas memórias e desavenças com nós mesmos essas respostas. Nós, nossos pensamentos e o passado se tornaram o “outro”, que colocamos como entrevistados, companheiros ou parceiros dos diálogos e então, despimos da nossa própria veste para vestir as vestes que não vestíamos antes ou que nem pensamos em nos figurinar.

Dentro dessa perspectiva de olhar para o passado, vemos uma conexão muito interessante com a escuta de si. Este conceito também foi dito pelo Palhaço e o Psicanalista, quando “concordam que a arte de escuta do outro começa pela possibilidade de escutar a si mesmo” (p. 25). Escutar o passado, escutar o que já foi dito, escutar nossas angústias, escutar as reflexões, escutar o futuro. São formas, para além de buscar o entendimento, suprir essa necessidade de criação, por vezes muito presente no artista, que habita um pouco de cada um de nós. “Se de médico e louco todo mundo tem um pouco”, de psicanalista e palhaço, todo mundo tem um pedaço” (contracapa) ou mesmo de artista e cientista, todos temos uma faísca. Escutar a si, em uma peste principalmente, envaidece a ideia de que buscamos por respostas, pela origem, pelas raízes dos problemas. Ou, quem sabe, por uma nova possibilidade de organização de vida, que pode ser vista como essa escuta para além do que já está sendo visto, assim com a imaginação e a ludicidade que se cria, a ilusão. Mas também, sobre as experiências novas propostas e forçadamente necessárias para entender esse tempo. Como um jogo, algo novo aconteceu, escuta-se, age:

“Assim como o palhaço, o psicanalista tem que se despir de suas próprias vestes egóicas, suspendendo juízos, valores e preconceitos, assumindo a roupa disponível para o papel requerido pelo paciente. Iniciamos nossa escuta como iniciamos uma viagem, que será conduzida pelo próprio paciente.” (p. 51).

É nesse momento que se enfatiza o quanto essa confusão trazida pelos autores é interessante para entendermos a proposta. Não há nada com roupas, nem como despir-se, nudez ou qualquer coisa do tipo quando se está falando nesse momento da escuta. Mas sim, no sentido figurativo, metafórico. No entanto, é possível materializar a ideia e dizer que uma roupa pode sim ser definidora de um ambiente, de uma bagagem. Isso, se faz presente em um figurino, por exemplo. Que roupas vestiram os seus personagens favoritos do teatro? Que roupas podem vestir agora? Mas, isso tão pouco é limitado ao figurino de um ator, é apenas um deslumbre de ideia que faço. A ideia de que o despir das próprias vestes, para encarar uma nova viagem com a mala vazia, para então encarar um novo mundo, uma escuta, isso se faz presente quando o próprio mundo, no âmbito geográfico da coisa, nos apresenta uma nova realidade. O que faremos agora? É a pergunta do século, não? Portanto, escutar a si mesmo é também despir das vestes que não servem mais para o agora. Definindo e correndo risco de deslegitimar a reflexão: quais roupas você veste agora? Que roupas definem o figuro dessa nova ilusão? A discussão não se finda, nem se basta aqui, nos tecidos, mas, se repetem, refletem e objetivam a subjetividade da ideia.

“Como convidados, é importante levarmos mínima bagagem possível, se não quisermos definir o roteiro ou estabelecer nossos próprios interesses quanto a ele” (p. 51). Ainda, a mesma discussão, o que o mundo nos propõe quanto história agora? O livro da peste pode nos dar uma pista, mas a mente grita: *é só uma ficção*. As memórias da Gripe Espanhola podem nos ajudar, mas a mente grita novamente: *isso foi no passado*. Roteiros, imaginações, mundos ideais e catastróficos se criam, portanto, e dão vazão para a ilusão causada pelos próprios pensamentos. Eles, assim, se fazem esperançosos ou assustadores, separados ou tudo ao mesmo tempo. Nossas próprias vontades e planos ficam do lado de fora do avião dessa viagem, nos resta, portanto,

escutar, ter novas visões e criar. Mesmo que não queira, não será uma proposta de escolha. A criação acontece. É inerente.

Dunker e Thebas também falam que o que tem nos tornado cada vez menos *experientes*, ou melhor, menos *experenciadores da escuta*, deixando-a cada vez mais “difícil e rara” é o fato de termos subtraído o caminho, o processo e as vivências para encontrar logo um resultado, um ponto de chegada. Enquanto “escutar é estar essencialmente no caminho”. Abaixo, copio e colo exatamente o exemplo dado por eles, que me fazem entender esse processo:

“Observe uma mãe ou um pai levando uma criança a pé para a escola. Enquanto os adultos correm querendo chegar, seus filhos brincam de pisar só nas pedras brancas, só nas pedras pretas, de andar em cima da linha ou de chutar pedrinha. Perguntam a todo instante, o que é isso, e por que aquilo. Obcecados, ou viciados em chegar, os adultos se esquecem de que a vida é feita de idas, idas e idas. Não à toa ao ficarmos velhos nos chamarão de idosos. Cegos e surdos ao caminho olhamos, às vezes tarde demais, para trás” (p. 56).

Estamos, como já dito, na busca por entender o que se passa, dar sentido e significado a este momento. Portanto, para argumentar e, por vezes, refutar essa ideia, Thebas e Dunker propõem o questionamento através da ideia de que estamos pensando no final, no quando acabará. Mas, o que nos resta, o que sobrou para agora é pensar justamente no que acontece. Seria, portanto, essa necessidade extrema de entender o que se passa, uma escuta de si inconsciente e automática?

O mesmo, quando falamos de uma peste que volta ao passado e está trazida da ficção para o real. Em *O suicida com medo da morte*, de Augusto Boal, por exemplo, excepcionalmente no capítulo “O Brasil à beira do abismo: imprescindível dar um resolutivo passo em frente!”, o próprio subtítulo já traz o bastante para o entendimento da questão. Ou quando se pega *As veias abertas da América Latina* e se inicia a leitura pela contracapa, que diz: “Um livro (infelizmente) atual”. Ambas as obras foram escritas no fim do século passado. E nós, a caminho do fim do primeiro quarto deste, estamos repetindo a sequência.

Essa, inclusive, é uma das características da escuta lúdica, a repetição. E traz também muitos pontos de discussão. O que acontece é que a repetição demonstra e reafirma que precisamos agir sobre a estrutura que se está se criando, segundo o Palhaço e o Psicanalista:

“[...] quando começou a perceber o circuito reflexo de repetições, na qual as pessoas tendem a apenas dizer mais alto e mais exasperadamente o que já disseram antes, você alcançou a extensão e dignidade do problema da escuta. Quando as pessoas não se escutam mais porque estão possuídas pela certeza sobre quem é o outro e o que ele quer, chegou o momento do que verdadeiramente chamado de conversa” (p. 124).

O próximo passo, dentro das discussões da escuta, é o corte: “decidir quando a conversa acaba, ou o corte parcial, que vai mudando o tema ou forma da conversa encadeando uma coisa na outra. Antes de toda escuta está o silêncio e depois dela o que vem?” (p. 124). Ou seja, saber cortar é um dos pontos importantes da escuta e já elimina a ideia de que escutar é estar aqui a postos passivamente parado. É novamente: um jogo! Também não se trata de ter a última palavra, esse seria o problema, mas sim, saber o momento certo para lembrar do que foi dito e encaminhar para onde precisamos ir, juntos.

DUNKER, Christian e THEBAS, Claudio. *O palhaço e o psicanalista. Como escutar os outros pode transformar vidas*. São Paulo: Ed. Planeta, 2019.

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre, Tchê, 1987.